

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, N°02 MAIO - PORTO VELHO, 2001
Volume I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

2



**EM BUSCA DO SUJEITO
A SER CONSTRUÍDO**

VALDEMIR MIOTELLO

αΩ

Caro Leitor

O Centro de Hermenêutica do Presente tem a satisfação de apresentar sua mais recente publicação: *PRIMEIRA VERSÃO*.

Trata-se de produção indexada destinada a divulgar ensaios breves na área de Ciências Humanas.

Esta publicação prioriza:

- resultados iniciais de pesquisas, dada a importância de seu registro;
- discussões setorializados como temas de aulas, seminários e palestras.
- reflexões em torno de obras recém lançadas no mercado editorial.
- considerações teóricas de temas polêmicos da vida universitária.

A tiragem de cada edição será de 150 exemplares, distribuídos na própria universidade e encontrados também no Centro de Hermenêutica do Presente.

Por dedicar cada número a um único trabalho, sua elaboração, impressão e caráter gráfico têm uma dinâmica diferente dos periódicos da universidade. Desta forma, a *PRIMEIRA VERSÃO* pretende ser presença efervescente no cotidiano da universidade.

Além do ensaio, a publicação terá uma seção final chamada VITRINE com avisos de lançamentos de livros, informes sobre pesquisas, links importantes para consulta na internet e outros assuntos de interesse acadêmico.

As contribuições de ensaios e comunicações para a VITRINE devem ser encaminhadas por e-mail, diretamente para o editor, ou para o Conselho Editorial.

Primeira versão é uma publicação de distribuição gratuita e pode ser encontrada no hall de entrada da biblioteca do campus.

NILSON SANTOS
EDITOR

Valdemir Miotello

Professor de Filosofia e Doutor em Linguística

miotello@unir.br

EM BUSCA DO SUJEITO

A SER CONSTRUÍDO

Gosto de Alvin Toffler quando ele estabelece os processos civilizatórios como se fossem ondas que, partindo de um ponto central atingem todas as sociedades mundiais. Ele identifica até agora, na história da humanidade, apenas três grandes ondas: a primeira onda é o agriculturismo, que produziu mudanças incríveis na forma de vida dos grupos nômades, permitindo a eles resolver o grave problema da alimentação, ampliar seu grupo, mudar a concepção de família, instalar novas formas de poder, construir pequenas cidades; essa onda principiou em meados do ano 8.000 a.C. nas margens do Mediterrâneo e foi se espalhando até atingir praticamente todos os povos. A segunda grande onda é bem mais recente e é o industrialismo, instalado em meados do século XVIII na Inglaterra, França e Bélgica, e que permitiu produzir excedentes inimagináveis tanto de produtos industrializados quanto na agricultura ao levar para esta suas máquinas fantásticas, substituindo a força humana milhares de vezes; esta onda permitiu também resolver o grave problema de produção de bens, instalou nova concepção de família, construiu novas formas de comunicação e transporte, implantou escolas, mudou o Estado, constituiu as classes sociais e já atingiu praticamente todas as sociedades humanas. A terceira grande Onda está começando a espalhar suas marolas em velocidade vertiginosa desde a década de 60 deste nosso século, e é o Informacionismo, com suas estruturas eletrônicas se multiplicando qual tentáculos de polvo na velocidade do pensamento e rapidamente atingindo e mudando a vida de praticamente toda a humanidade; esta onda também vai mudar tudo: concepção de governo, educação, família, comunicação etc.

Claro que poder-se-ia apresentar uma série de problematizações a esta proposta de análise da história da humanidade, e principalmente acusar cada processo desse de ser centrista, permitindo que apenas um conjunto de tecnologias se instale enquanto hegemônico para toda a humanidade, e também que ele se constitui em processo que produz exclusão em larga escala. Tudo isso é verdade. Além disso, ele modeliza um processo avassalador, sem concorrências, que constitui sujeitos à sua imagem e semelhança, qual criatura bíblica arrancada do barro e soprada pelo criador. Sendo que no processo civilizatório a criatura também constitui seu criador, soprando-lhe ar renovado de volta, que atualiza e pereniza a força ondulatória. Se na onda agricultora o sujeito se constituiu na relação com o mundo e a natureza, subsidiado pelos mitos, pela filosofia clássica e pela religião, na onda industrial ele se constituiu na relação com o mundo e as máquinas, com apoio da filosofia racionalista, da ciência e da educação escolar. E nesta nova e derradeira onda informacional, como o sujeito vai se constituir e quais serão e quem colocará as bases ideológicas?

Sem entendermos o sujeito como se constituindo de fora para dentro, de modo que o que ele é é resultado de sua inserção no meio mais próximo e mais distante, e se entendermos o sujeito como se constituindo a partir de signos, que, sendo parte da realidade, tanto revelam quanto escondem o real, e se

entendermos o mundo sógnico como sendo o mundo ideológico, uma vez que tudo o que é signo é ideológico, então podemos pensar um pouco mais sobre como o sujeito vai se constituir nesta terceira Onda. Afinal, cada sociedade, em cada tempo histórico, cria e constitui o sujeito de que necessita, ao mesmo tempo em que é constituída pelos sujeitos históricos, existentes então. Se tal grupo social optar por ser constituída de guerreiros, formará guerreiros; se decidir ter sujeitos letrados, investirá todas as suas ações para constituir sujeitos letrados.

Ao aceitarmos que esta Onda é Informacional devemos colocar no centro do seu desenvolvimento o que comanda a informação - os meios de comunicação de massa. E a televisão ocupa o lugar central entre as mídia, por sua capacidade de amplificar sua mensagem, pelo volume de aparelhos atingidos por seu sinal, pela dominação estabelecida pelos monopólios, pela palavra monossêmica da classe dominante disseminada por seu intermédio, pela capacidade de repetir exaustivamente os mesmos símbolos de forma atraente e contínua. A comunicação de massa não é a única forma de comunicação e nem de disseminação de informação, pois ela concorre com milhares de outros meios de comunicação, como rádio, jornal, outdoor, folhetos, livros, revistas, e modernamente a internet. Enquanto a comunicação de massa trabalha os símbolos já estabelecidos, que poderíamos chamar de símbolos oficiais e estabilizados na prática social, os demais meios de comunicação trabalham, em escala crescente, os símbolos não oficiais, os símbolos do cotidiano, ainda instabilizados e, portanto, em choque permanente. Estes dois grandes conjuntos de signos dialogam entre si e se mudam constantemente. Além disso, cada conjunto desses ainda carrega dentro de si uma disputa interna acirrada, resultado da luta das classes, na tentativa de impor seu conjunto ideológico e sua visão de mundo. Quanto mais alto na escala, mais o signo já está estabilizado, e decidida está sua representação ideológica, o que não impede que ele interaja com a ideologia fluídica e volúvel e em permanente construção no dia a dia.

Que sujeito os aparelhos midiáticos de massa constituem? Se entendermos que os instrumentos de comunicação de massa são propriedade privada de pessoas e grupos da classe dominante, então não custa aceitar que eles estão a serviço destas pessoas e destes grupos que buscam perpetuar-se nesta posição social e econômica, ficando suas garras no Estado, enquanto propriedade pura. Para que eles consigam manter esta sociedade desta forma, com esta constituição, eles precisam convencer a todos que o mundo e a sociedade é desse jeito deste todo o sempre. Ao naturalizar o que é criação social e cultural, os dominantes garantem a manutenção de seu status. Mas além de significar um modelo de sociedade, a classe dominante usa dos meios de informação de massa para constituir o sujeito que vai habitar este mundo; e o constitui enquanto sujeito trabalhador, como alguém que sente necessidade do trabalho, ao mesmo tempo em que o constitui como sujeito consumidor, como alguém que sente necessidade do que é produzido.

Como este sujeito é constituído? É constituído na disseminação do sistema ideológico dominante, e pela utilização de signos de todas as espécies, como qualquer palavra, gesto, som, imagem ou objeto que esteja indicando ou representando outra coisa. Já vimos que este processo não é tranqüilo, visto que as ideologias produzidas no dia a dia, também pelas classes trabalhadoras, interagem constantemente com as ideologias já assumidas enquanto dominantes por aquela sociedade. Isso significa que o sujeito é constituído no embate dos signos, e que a classe dominante não descuida de estabelecer sua visão de mundo,

utilizando-se para tanto de instrumentos poderosos e sofisticados. E nos últimos séculos já se serviu da Igreja, da escola e agora serve-se dos meios de comunicação de massa, que invadem a casa das pessoas intensivamente, compondo sua visão de mundo e construindo também suas utopias e mexendo em seus desejos, até os mais secretos. E isso se dá de acordo com cada cultura e com o momento histórico vivido por aquele povo, grupo ou classe social. Podemos pensar em como é modelizada a visão estética de um determinado grupo - comida, roupa, tipo de cabelo, tipo corporal preferido; ou a visão ética - noção do belo, do justo, do errado; ou a sensibilidade - que sentimentos são cultivados naquele momento histórico e naquele lugar; ou as necessidades - o que se precisa ter, específico para cada sociedade, seja no Brasil, seja na Suíça ou na África; e até mesmo como são modelizados os imaginários, a visão de futuro, a idéia de povo, de sociedade, as esperanças e as utopias. E aqui é preciso que se diga que nesse processo de constituição do sujeito ele, para se individuar, vai assumindo os jogos estabelecidos pela linguagem, pelos códigos e pelos símbolos daquela determinada sociedade histórico-cultural, o que produz uma alternância de determinação e escolhas. Se somos determinados pela sociedade em todo o processo de construção da subjetividade, também interferimos em todo esse processo, modificando continuamente esta mesma sociedade que nos constrói. Provavelmente os imaginários sociais impingem maior mudança que as transformações econômicas.

Até aqui busco o sujeito se constituindo. Nesta Onda Informacional as pessoas se ocuparão com o trabalho de plantar e colher, talvez apenas de 5 a 7% delas, com o trabalho de produzir produtos industrializados, talvez apenas de 15 a 18% delas, e o restante das pessoas, um montante imenso de gente, na ordem de 75 a 80%, estará ocupada em fazer nada produtivo ou trabalhando na prestação de serviços, e de forma bem personalizada. As imensas construções das fábricas deixarão de estar na paisagem, e o lugar de trabalho provavelmente retornará para dentro da própria casa. Tudo isso implica em mudanças fantásticas. Ter ou não acesso à informação será fundamental nessa sociedade; ser detentor e dominar a produção e distribuição de informações é mais fundamental ainda. Ficarão para trás categorias como patrão/empregado, trabalhador ativo/desempregado, e precisaremos construir um sujeito enquanto empreendedor, inserido no coletivo. As riquezas se construirão em novas bases.

Se um mundo novo está se dando, que se construa também um novo homem e uma nova mulher; enfim, que se constitua um NOVO SUJEITO.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A RAZÃO GULOSA: Filosofia do Gosto

MICHEL ONFRAY
Rocco

RESUMO: O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

SUMÁRIO: Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

Áreas de interesse: Filosofia, Gastronomia, Hedonismo.

Palavras-chave: Filosofia , Culinária, nutrição, Comportamento Humana

LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science& Technology Consortium
www.istec.org

Educação no exterior
www.fastweb.com

Línguas
www.weblinguas.com

downloads
www.downloads.com

www.superdownloads.com.br

www.tucows.com

www.zdnet.com/downloads

Arte
www.mundodaarte.com.br

Picasso
www.clubinternet.com/picasso

Literatura de Cordel
www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html